

Juanuz da Cruz Wanderley

Graduanda de Psicologia da Faculdade Cathedral, Boa Vista-RR.

Rômulo Terminus da Silva

Mestre, Doutor e Pós-Doutorado (Universidade Católica Dom Bosco)

Doutor em Psicologia da Saúde –

UNIVERSITÉ DES SCIENCES DE L'HOMME DE PARIS (ULSHP)

Ph.D. Em Ciências da Educação –

University Logos Internacional -@UNILOGOS,

Cadastro na CAPES 1489 no Portal Carolina Bori,

CNPQ REGISTRO K2E200000001

RESUMO

Este estudo visa elucidar e coletar dados sobre a: “Possibilidades Criati-Vivas e Gestalt-Terapia: Arte e Autobiografia.” Pretendendo fazer uma abordagem sobre os recursos literários, em busca de compreender a criatividade dentro do processo psicoterapêutico fazendo uma revisão bibliográfica e recapitulando a historicidade de vida. Revendo o início da história da Gestalt-terapia se deparando com o grupo dos sete, que com pensamentos inovadores, trouxeram uma nova percepção para psicoterapia. Dentro desta construção relato o encontro com a Gestalt-terapia. Tendo como objetivo geral: Entrando buscando o contato com os pilares de sustentação da mesma, percebo a vivencialidade, desde a infância, com criatividade sensibilidade e muita imaginação, uma forma gestáltica de coexistir, ainda que não estivesse anteriormente, *awareness* dessa significação. Com as contribuições dos autores expostos no decorrer do trabalho confirmo a busca pela eficácia das possibilidades criativas dentro do processo psicoterapêutico à luz da Gestalt-terapia. Por ser assim, este estudo pautou-se, portanto, por uma metodologia de pesquisa sob a linha bibliográfica, em caráter exploratório, de abordagem qualitativa, de campo e descritiva, hipotético-dedutiva e não experimental. Entendo que esta linha de pesquisa e abordagem seja a mais viável ao estudo por ora. Desse modo, tem-se que os resultados aqui contextualizados podem ser considerados como satisfatórios ao proposto inicialmente neste estudo. Havendo ainda notoriamente várias vertentes e possibilidades a serem analisadas em estudos futuros, e, por conseguinte, mais aprofundados.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Historicidade. Criatividade.

INTRODUÇÃO

A problemática da pesquisada pautou-se no seguinte objeto de pesquisa: Como as Possibilidades Criati-Vivas e Gestalt-Terapia da Arte e Autobiografia podem descrever a criatividade dentro da abordagem Gestáltica? E qual seria seu real ofício dentro desta abordagem? A busca por respostas científicas dos tais questionamentos sobre este tema, neste trabalho dá início a caminhada como Gestalt-terapeuta voltados neste momento para as bases teóricas e filosóficas dessa abordagem. E com sentimento de amor e encantamento, que atravessa a alma, mergulho no âmago destas questões em busca de respostas que possam validar a autenticidade da identidade, com forma artística de coexistir.

Lanço mão de recursos literários, para beber na fonte desses conhecimentos, e faço aqui minha revisão bibliográfica enquanto recapitulo minha historicidade. Com a percepção voltada para Teoria Organísmica de Kurt Goldstein, que juntamente com a Fenomenologia, o Humanismo e o Existencialismo formam os pilares de sustentação dessa abordagem. Tendo como objetivo geral da investigação: Conhecer os conceitos dessa abordagem Possibilidades Criati-Vivas e Gestalt-Terapia focando a Arte e Autobiografia.

O coração se enche de alegria em perceber que no referencial teórico, me encontro com um porto seguro e me aporto em sólidas bases que doravante darão a rima e o tom da minha inspiração de viver.

Frederick Salomon Perls durante sua vida acadêmica e pessoal recebeu fortes influências do Humanismo, do Existencialismo e da Fenomenologia, Teoria de Campo de Kurt Lewin, Teoria Organísmica de Goldstein, da Psicanálise, entre outras como Taoísmo, Terapia Corporal Reichiana, Psicodrama, Zen Budismo. Ao romper com a psicanálise ele se junta ao grupo do sete, para formular a Gestalt-terapia.

Perls, Laura Perls, Paul Goodman, Paul Weis, Elliot Shapiro, Isadore Fron e Sylvester Eastman. Juntos com seus questionamentos em particular, seguiram a procura de uma nova terapia que fosse verdadeiramente existencial, que pudesse ser suporte para o ser humano do século XX, aflito e com esperança de autorregulação e crescimento (NORONHA E BARREIRA, 2016).

Fritz Perls respeitado como o precípua fundador da Gestalt-terapia inteirava o grupo dos sete e se notabilizou em razão de sua hesitação, aos símbolos e sinais, na comunidade americana, no período pós Guerra Mundial, buscando uma vivência pautada na autenticidade com relevância e ênfase. E no contexto de ambiguidade e elaboração despontou a Gestalt-terapia de Fritz Perls Ralph Hefferline e Paul Goodman. Especificamente na década de 60 e bem na eclosão da contracultura, a Gestalt-terapia, encontra campo para sua expansão trazendo assim um novo contexto psicoterapêutico, que possibilita, através da interação do indivíduo com o meio, percebendo a autenticidade do indivíduo ou da comunidade como a essência relacional do existir (CARUSO, 2019).

Percebo aqui nesse dado momento, que não dá para eu prosseguir, sem lembrar como foi o meu encontro com a Gestalt-terapia. Eu estava no quarto semestre do curso de psicologia, já andava em busca de encontrar o meu lugar na Psicologia, queria mais e mais conhecimentos, então passava minhas férias todas estudando, sites de Psicologia, palestra no *Ted*, livros, enfim, eu queria encontrar, como ligar minha arte a esta ciência, pois para mim elas já estavam entrelaçadas uma a outra e eu precisava de uma confirmação, um embasamento teórico. Então quando tivemos o recesso do meio do ano, comecei minha pesquisa sobre arteterapia e tudo que eu encontrava me remetia a Gestalt-terapia.

No curso de Psicologia até então ninguém havia falado sobre essa abordagem e isso me deixava intrigada, porque não falavam sobre Gestalt-terapia na faculdade? E eu a essa altura já estava me encantando por ela, lembro-me de ter visto muitos vídeos no YouTube, trabalhos de arteterapia com crianças, minha grande paixão. Corri às poucas livrarias da cidade em busca de algum livro que falasse sobre este tema e encontrei de Hugo Elídio Rodrigues o livro “Introdução à Gestalt-Terapia: Conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica”. Lembro-me de ter ficado muito feliz com essa aquisição, embora no primeiro momento, não tenha compreendido bem a mensagem do livro.

Então quando voltamos para as aulas já no quinto semestre, tive a grata satisfação de conhecer o professor Paulo Barros, que iria ministrar aula de Psicologia Clínica I, Humanista, Fenomenológica, Existencial, foi amor ao primeiro contato, dali por diante segui me encantando a cada dia mais pela Gestalt-terapia, já querendo ser uma Gestalt-terapeuta, assim fui convidada pelo professor Paulo Barros para participar do curso básico que se iniciaria dentro de poucos dias. Disse ele: você faz o curso básico, se gostar e quiser ir mais além, você faz a Formação. Lembro-me bem daquela noite, voltei para casa depois da aula como se estivesse ganho um prêmio, eu estava radiante com a possibilidade de aprofundar os meus estudos. Lembro-me também que naquele período eu estava concluindo o curso de terapia complementar Reiki nível Mestre, às vezes eu saía de uma aula de Reiki direto para faculdade, e as aulas do Paulo faziam ressonância na minha consciência e coração ainda com a sensibilidade aguçada pelos bons fluídos do Reiki. Ouvir o Paulinho falando de fenomenologia era mesmo transcendental.

Assim se deu meu encontro com a Gestalt-terapia. Hoje estou aqui escrevendo meu trabalho de conclusão do curso de formação, sendo da 2ª Turma de Formação em Gestalt-terapia no Instituto de Gestalt-terapia de Roraima (IGTRR) e com o coração transbordando de alegria por esse encontro. Para Alvim e Molas (2017, p.44):

Para a Gestalt-terapia a esfera da relação dá base, estrutura e move o fazer psicoterápico. Neste contexto, a prática psicológica a qual me refiro busca aumentar o encontro com o sensível, o contato com si mesmo, com a presença, com a experiência de ser no mundo. Para

tanto, é necessário que o terapeuta esteja também atento ao encontro, situado no campo presencial do aqui agora, estabelecendo contato direto com o corpo e com a experiência que atravessa, potencializando assim a percepção de si e do mundo.

Os objetivos específicos estão pautados em: buscar de compreender a criatividade dentro do processo psicoterapêutico fazendo uma revisão bibliográfica e recapitulando a historicidade de vida; Rever o início da história da Gestalt-terapia se deparando com o grupo dos sete, que com pensamentos inovadores, trouxeram uma nova percepção para psicoterapia e analisar fortes influências do Humanismo, do Existencialismo e da Fenomenologia que Frederick Salomon Perls recebera durante sua vida acadêmica e pessoal recebera Dentro desta construção relato o encontro com a Gestalt-terapia.

Por ser assim, este estudo pautou-se, portanto, por uma metodologia de pesquisa sob a linha bibliográfica, em caráter exploratório, de abordagem qualitativa, de campo e descritiva, hipotético-dedutiva e não experimental. Entendo que esta linha de pesquisa e abordagem seja a mais viável ao estudo por ora. Desse modo, tem-se que os resultados aqui contextualizados podem ser considerados como satisfatórios ao proposto inicialmente neste estudo. Havendo ainda notoriamente várias vertentes e possibilidades a serem analisadas em estudos futuros, e, por conseguinte, mais aprofundados.

REFERENCIAL TEÓRICO

Fenomenologia

A Gestalt-terapia é fenomenológica. Sua única finalidade é a consciência e sua metodologia é a metodologia da *awareness*. A Gestalt-terapia é baseada completamente no existencialismo dialógico, isto é, no Eu-Tu, contatosaída. O conceito básico da Gestalt-terapia e sua visão de mundo são baseados no holismo e na teoria de campo (YONTEF, 1998, p. 234, apud ANTONY, 2010, p.63).

Fenômeno natural à beira da represa, centenas de borboletas amarelas, uma menina pequena, ainda numa sensibilidade pura de criança, naquele pedaço de praia alagadiça, correndo de um lado para outro a brincar com borboletas, naquelas manhãs de sol nos rincões do Mato Grosso.

O tempo passa fazendo um percurso natural na vida do ser humano. Nas páginas amareladas de um diário amigo, doces lembranças em forma de poesias. Por entre as frestas das paredes da casinha de pau-a-pique via-se o sol, como a nos fazer um convite para irmos brincar lá fora.

A fenomenologia de Merleu Ponty faz uma retomada do corpo e da sensibilidade, e reconhece a experiência

mundana de um corpo-sujeito como a fonte do conhecimento e da produção de sentido. A experiência existencial é um processo eminentemente criativo de um corpo-sujeito-do-mundo (ALVIM E MOLAS, 2017, p. 45).

Morar no interior é ter a alma submersa em fenômenos naturais, pois ali é possível estar em contato com a natureza, cercado por todos os lados, tanto que, por vezes, chega ser confluyente no entre e fora do ser, considerando o meio em que se vive e o como se vive nesse meio, o alimento possível para saciar a fome, a água pura para saciar a sede, os utensílios, acessórios simples, que possibilitam a realização de tarefas corriqueiras. Fecho os olhos, aqui agora, e me vem como em flashes de memória, visões que me trazem sentimentos e sensações de vivências de tempos idos, e inevitavelmente caem lágrimas dos meus olhos e rolam por todo o meu rosto, lágrimas de saudades.

Então paro, por um instante, o que estou à fazer, para tomar uma caneca de chá, esse movimento me faz bem, chás me refrescam a alma ao me aquecerem por dentro, é mesmo um acolhimento em forma de chá. Sigo aqui com minhas memórias, meus pensamentos, lembranças que o tempo não deu conta de apagar, é não apagou as marcas do caminho por onde percorri, nelas ficaram os registos das experiências vividas, experiências essas que permeiam meus dias dando o contorno e o tom da minha arte, criatividade e poesia nesse tempo desse meu existir.

Enquanto meus dedos percorrem as teclas do computador concatenando palavras que revelam a essência do meu viver, mas lembrança vem à tona.

A confluência vitalizadora, constituída na fase do pós-contato, será considerada como fenômeno que permite a passagem do 'psicológico' ao 'fisiológico', fenômeno efetuado pelo processo de assimilação. O vivido fazendo parte do organismo, se fazendo corpo no fundo e que estará confluyente com as experiências futuras (PEIXOTO, 2018, p.408).

Autorregulação Organísmica

Para que haja a autorregulação, é essencial que o organismo tenha uma nova saída para lidar com a situação que o mesmo esteja enfrentando na sua interação no meio ambiente. Olhando por este prisma, entendemos que ser criativo pode ser uma circunstância imprescindível à dinâmica da autorregulação. Que é o precípua da austeridade para aceitar se a forma como o individuo anda se relacionando com as solicitações do meio encontra-se dentro de um movimento congruente ou pleno (LIMA, 2009). Santos e Martins (2016, p.103) citando Goldstein (1934/1995), afirmam que:

A noção de organismo de Goldstein (1934/1995) implica, ainda, que cada indivíduo tende a realizar as suas possibilidades de ação e de regulação da melhor maneira possível em um momento dado. A realização ótima da ação de um organismo em uma situação é chamada pelo autor de “comportamento privilegiado” (Goldstein, 1934/1995, p. 287). Dessa forma, para o autor, todo ser vivo tende a uma constância estrutural e funcional, mesmo quando as circunstâncias externas se modificam, para a melhor realização de suas possibilidades. Para designar tal lei, Goldstein (1934/1995) utiliza os termos equalização, centramento, autorrealização, e boa forma. Todo organismo tende a esse estado ótimo e esse estado é a norma individual desse organismo concreto, o que permite julgar as suas realizações em termos de saúde e de doença.

O termo autorregulação, para mim era algo novo até então por eu estar começando a trilhar o caminho de Gestalt-terapia, mas que agora já faz ressonância em meu ser. Vivendo no interior em meio à natureza, aprendi cedo a criar mecanismos para me autorregular no mundo. Aprendi primeiro sobre superação, cair, levantar, bater a poeira e seguir olhando para frente. Ter discernimento e compreensão para sobreviver a aridez da vida. Família simples de poucos pertences e muitos afetos, por isso ainda hoje somos unidos, depois que o meu pai viajou para outro plano existencial, minha mãe casou-se novamente com um bom senhor, que é o querido vovô e bisavô que os netos e bisnetos conhecem, juntos eles adotaram uma criança recém-nascida e hoje somos onze irmãos, trabalhamos perdas, trabalhamos aceitação. Ao longo da vida nossa interação sempre fora presente, onde sempre pudemos dividir tristezas, alegrias e deliciosas receitas.

É importante sempre considerar o campo que se estabelece um vínculo com o organismo. Não devemos considerar organismo e ambiente de forma dicotômica e isolada. É no campo que o organismo encontrará uma forma de ordenar, suas exigências, em condições de seu desenvolvimento e permanência (BELMINO, 2018).

Um dia eu, ainda pequena e magrela, cabelos longos, cacheados e sempre soltos, pés descalços, esbanjando a liberdade de um tempo em que se podia brincar na rua sem medo algum. Ansiava por aprender a andar de bicicleta e em nossa casa havia uma, um tanto velha. Até que um dia, um de meus irmãos, cansado de minha insistência resolveu a me ensinar, a rua da minha casa era de piçarra misturada com um barro vermelho, missão quase impossível era tirá-lo da roupa, uma vez que mudava a tonalidade de qualquer tecido.

Então fomos a um ponto da rua que se formava uma pequena ladeira, lembro-me que a bicicleta era alta para uma criança de sete anos, e detalhe, não tinha freio. Assim ele me apoiou para que eu subisse na bicicleta e me deu algumas instruções: não olhar para chão, nem para trás, pois olhando para frente eu não perderia o equilíbrio, ainda me disse para não me

preocupar, pois estaria me segurando. Portanto, fora essa uma das vezes que eu me autorregulei na vida, qual seja, dar conta de me equilibrar em cima de uma bicicleta sem freio, ladeira à baixo, com o vento assanhando meus cabelos, sendo que na toada que desci, só pude ouvir ao longe meu irmão gritando:

- Segura.

Daí por diante foram dias de autorregulação.

Essa propensão comum à autorregulação auxilia o ser humano a expandir e se ampliar, a descobrir alteridade entre carência e sensações de valências, e supressão da inquietude, o que vai necessitar de uma legítima compreensão das sensações, do sujeito para retenção e destinação do que é saudável para seu próprio uso, abrindo mão do que lhe é nocivo (JUNQUEIRA E LIMA, 2016).

Todo organismo está procurando se autorregular, assim apresenta-se em contínuo movimento, na demanda de fechamento, de suas exigências, que também são sistematizadas pelos mesmos fundamentos organizmicos (BELMINO, 2018).

Tal habilidade de autorregulação dos seres vivos, decorrente da prática deliberada, da vivência do organismo, conseguiria favorecer o alicerce para refletir, sobre as formas inerentes de como os indivíduos, nos diferentes âmbitos, interagem tanto com o novo, quanto a proximidade um com o outro (BELMINO, 2017).

A autorregulação sempre me possibilitou crescimento e assimilação, mesmo que antes da Gestalt-terapia eu não soubesse o que eram esses conceitos. Mas de uma forma intuitiva e sensível, eu já garantia a minha adaptação e permanência.

O fazer criativo em Gestalt-terapia

A finalidade da Gestalt terapia com as artes existe desde o seu começo. Frederick Perls trabalhou em teatro, teve aulas de pintura, e vezes utilizara recursos da expressão artística em seus trabalhos. Laura Perls estudou dança, Paul Goodman era poeta e escritor (CIORNAL, 1995).

A Gestalt-terapia e criatividade alcançam a ideia gestáltica do funcionamento saudável, que dentro das bases teóricas da abordagem é avaliada como funcionamento criativo. Ou seja, o ato ou ação criativa dentro da Gestalt-terapia indica um desempenho saudável. A Gestalt-terapia percebe o indivíduo como um ser relacional em constante processo de mutação, uma metamorfose criativa nomeia. Diante de suas aspirações e carências o indivíduo vai ancorar-se em influências que indicam movimentações no seu interior, angústias que se avultam, tornando figura. Essa Gestalt então vai iniciar o desempenho do organismo para que se tenha eficácia (CIORNAL, 1995).

Na medida em que vou referenciando os autores no meu trabalho, vou também recapitulando e reconfigurando minha história. A arte está em

minha vida desde muito tempo, ou melhor, a arte sempre esteve aqui. Cresci num lar propício para isso. Lembrando aqui da criatividade da mamãe, eu e minhas irmãs chorando, querendo uma boneca para brincar, e ela não se apoquentava e sempre arrumava uma forma de nos atender, confeccionava as nossas bonecas, lançando mão de materiais que estavam ao seu alcance. Já brinquei com bonecas de espuma de travesseiro velho, boneca feita de bucha natural colhida no quintal, de retalhos e a mais criativa de todas, era a de milho.

Eu amava a boneca de sabugo de milho, quando a espiga estava bem novinha os cabelos do milho bem macios e louros, mamãe pegava a transformava em uma linda boneca de milho para nós. Mamãe sempre muito criativa, sempre tendo ideias, sempre em movimentação criando alguma coisa, reciclando, transformando e aprimorando de forma criativa a arte de educar seus filhos. Sendo ela uma artista completa, dominava com perfeição toda arte que fazia. Ela era a artesã oficial da cidade, responsável pela ornamentação e pela refeição de quase todas as festas daquela pequena cidadezinha do interior do Mato Grosso.

Ela confeccionava os vestidos e as grinaldas das noivas da cidade e um detalhe importante, as grinaldas eram feitas com flores de laranjeira, com todo carinho e delicadeza, proporcionando, beleza, leveza e um aroma deliciosamente natural de flor de laranjeira. Às vezes me perguntam a onde eu aprendi tanta coisa, ou de onde eu tiro tanta inspiração, e eu repondo, da minha infância feliz no interior, do meu pai e seus muitos ofícios, meus irmãos todos eram artesãos, além de outras profissões e principalmente da minha mamãe querida.

A experiência de produzir arte suscita a confirmação de sentimentos e talentos próprios da pessoa, colaborando no desenvolvimento da potencialidade, singular de cada um. Que poderá se perceber em sua obra artística, olhando por outro prisma, a forma até então ignorada e através da arte criada, passa a ser figura. Possibilitando a *awareness* do seu próprio eu (REIS, 2014).

Filha de pai, dono de muitos ofícios, carpinteiro, mestre de obras, cozinheiro e outros mais, além de tudo, um excelente contador de histórias do mundo, no entanto as mais bonitas eram as que ele mesmo criava. E era muito bom quando ele estava presente, sendo possível cumprir com o papel de pai. Por sua vez, a mamãe sempre ali, uma artesã, que fazia de tudo um pouco para atender e agradar seus dez filhos. Minha doce mãezinha enquanto ia nos ensinando a arte de viver e dividir o pão, nos ensinava a pintar, costurar, bordar, cantar, cozinhar e plantar. Assim no meio de dez irmãos, sendo dois homens e oito mulheres, apareciam talentos de toda natureza. Lembro-me que a mamãe, enquanto trançava meus cabelos sussurrava aos meus ouvidos poesias que ela mesma compunha sobre o labor da vida. Fora um tempo difícil, de algumas privações, mas a arte já estava lá desde o princípio, possibilitando, de certa forma uma vida mais leve.

O organismo é capaz, então, de desenvolver mecanismos adaptativos que deverão ser compreendidos como ajustamentos criativos, pois como disse Thérèse (1984, p.39) “um sintoma é, antes de tudo, uma forma de ajustamento.”. É a forma possível e escolhida, mesmo que não consciente, de expressão do organismo (D’ACRI, 2007, p.119).

A Gestalt-terapia, assim como a arteterapia possuem bases fundamentadas em metodologias de origem, logo, falar dessas abordagens, torna-se fundamental abranger de forma adequada o que é criatividade e processo criativo, que são implicações para essas abordagens, dentro de sua prática.

Embora saibamos que a criatividade incita algo novo, esse novo não se apresenta por acaso, ele é um fragmento da historicidade de seu criador. Essa assertiva parte da asserção de que a criação é inerente ao criador, ou seja, no momento da criatividade, as experiências, vivências, tornam-se recortes possíveis para que se crie uma nova configuração (SILVA; CARVALHO; LIMA, 2014).

Um dia, aos oito anos de idade, eu estudando em uma escola pública e sofria bullying por ser pobre e não ter dinheiro para o lanche, nem sempre ter os materiais escolares necessários às vezes ter que pedir emprestado de alguma colega, coisas desse tipo, lembro-me de uma aula de arte que a professora deu um pedaço de cartolina a cada um dos alunos, disponibilizou lápis de cor e pediu para desenharmos o que quiséssemos, de acordo com nossa imaginação. Fechei meus olhos e comecei a pensar no que eu queria desenhar.

Eu morava no interior, onde a natureza era predominante, eu amava tudo aquilo, o verde das matas, o rio, as represas, os córregos, as serras, as flores dos cerrados, os pássaros, amava e continuo amando, mas enfim, minha imaginação me levava para algo inusitado, resolvi pintar um barquinho em um mar lindamente azul, com um sol amarelinho e radiante na linha do horizonte, mar este, que eu conhecia apenas das histórias que o papai contava quando nos reunia no quintal nas noites de luar, naquelas noites de encantamento em volta da fogueira com uma baciada de pipoca para petiscar.

A professora nos disse para não assinarmos no desenho, depois que todos terminaram ela colocou todos os desenhos no varal na frente da lousa e foi nos chamando um de cada vez, por ordem alfabética, para ir lá à frente e escolher o desenho que achasse mais bonito, sei que quando chegou a minha vez eu a muito já estava em primeiro lugar, todos tinham escolhido o meu desenho, meu barquinho, num dia de sol lindo num mar azulzinho.

Aí eu fiquei muito envergonhada, pois até então eu achava que eu não tinha lá tanta importância, pois eu não era notada, e nem eu sabia do meu potencial. Minha arte me revelou um pouco mais do meu próprio eu e daquele dia em diante, meus colegas começaram a me perceber, e nas aulas de artes todos queriam ficar perto de mim, às vezes eu até passava horas

fazendo desenhos para meus colegas pintarem. E meus dias na escola se tornaram bem felizes.

Torna-se essencial descrever a percepção da criatividade, do imaginário, do extraordinário, da arte e do conhecimento cultural, e vedar a percepção do pavor, da timidez, retraimento, da inabilidade, do pré-julgamento. Assim torna-se também essencial a aplicação, da percepção, da concepção e o desdobramento do diálogo imaginético, observar a etiologia, e se questionar como. Interpelar é necessário: a percepção como mecanismo da compreensão, assimilando contornos e aspectos, e a consciência com a percepção voltada à ação criadora. Pondo-se no espaço do artista ativo (PHILIPPINI, 2009).

A tarde estava linda e serena, momento especial para colher flores no campo para enfeitar nossa casinha de bonecas, minha e de minhas irmãs, lembro-me bem desses momentos de liberdade no entardecer, nós brincando, correndo pelos campos de pés descalços e o vento soprando nossos cabelos. Tudo era motivo de alegria e qualquer coisa poderia se transformar em brinquedos em nossas mãos, tão grande e inocente era nossa imaginação, tronquinhos de árvores viravam cavalinhos, vaquinhas, boi, não demorava e logo tínhamos uma fazenda inteira, com plantações e curral de gravetos, para os cavalinhos de tronquinhos. Imaginação fértil de crianças de um tempo em que o brincar era natural e se revestia de muita pureza.

Para Ciornai (2004) a criatividade permite um estado de criação intuitiva que nos dias atuais é sufocado pelo racional. A arte pode ser trabalhada de forma que essa consciência intuitiva seja desenvolvida e ao mesmo tempo dialogue com o racional. Nenhuma delas deverá ser sufocada no processo, mas usadas em momentos adequados.

Nos dias de hoje me preparando como Gestalt-terapeuta, revirando as páginas de um diário de toda uma vida pautada nas lembranças de um tempo de muita pureza e sensibilidade, percebo aqui, que os contornos criativos da infância me sustentaram para além da imaginação de uma pequena menina do interior. E agora buscando um olhar clínico para o campo existencial, prossigo em busca destes recortes, reconfigurando e reinventando formas criativas de coexistir, e dentro de uma proposta de Gestalt-terapia, buscando compreender os conceitos e fundamentações dessa abordagem para melhor conduzir o manejo psicoterápico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo este trabalho fui atravessada por tantos sentimentos e sensações que me fizeram perceber o quanto sou pequena diante de tamanha ciência, na construção desse referencial teórico pude perceber também, quão grande é essa estrada na qual início aqui os meus primeiros passos. Senti-me amparada pelo referencial, que deu corpo e sustentação as minhas vivências de infância. Sei que é um caminho bem maior do que eu consegui explanar até aqui, neste primeiro momento. Sentindo como satisfatória as respostas obtidas, sobre como descrever a criatividade no

conceito de Gestalt-terapia e qual seria o verdadeiro ofício da criatividade. Os/as autores e a autoras escolhidos e escolhidas contribuíram pontuando que é necessário descrever a criatividade dentro do processo psicoterápico, porque a ela irá permitir que o sujeito entre em contato com o vivido de uma forma mais suave.

Cabe, para tanto, destacar que este estudo foi sim consideravelmente proveitoso e enriquecedor no âmbito acadêmico e que os objetivos específicos foram alcançados em buscar de compreender a criatividade dentro do processo psicoterapêutico fazendo uma revisão bibliográfica e recapitulando a historicidade de vida; Rever o início da história da Gestalt-terapia se deparando com o grupo dos sete, que com pensamentos inovadores, trouxeram uma nova percepção para psicoterapia e analisar fortes influências do Humanismo, do Existencialismo e da Fenomenologia que Frederick Salomon Perls recebera durante sua vida acadêmica e pessoal recebera Dentro desta construção relato o encontro com a Gestalt-terapia, e a hipótese confirmada e analisada na prática de pesquisa sobre: H1- Com as Possibilidades Criati-Vivas e Gestalt-Terapia da Arte e Autobiografia, é possível descrever a criatividade dentro da abordagem Gestáltica?

Finalmente, recomenda-se aos Profissionais da Psicologia e outros que dentro da abordagem da Gestalt-terapia, possibilitando uma melhor assimilação dos recortes desse percebido, e ainda, que a criatividade dentro da Gestalt-terapia vai indicar a ideia de um funcionamento saudável entre organismo/meio. Possibilitando que o sujeito dentro dessa reconfiguração artística possa ter a *awareness* do seu próprio eu. Sentindo-me contemplada em poder confirmar o que sempre acreditei, que a arte pode sim propiciar uma vida saudável e equilibrada do campo existencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, M. B.; MOLAS, A. **A potência política do corpo: arte e clínica com crianças e jovens na Mangueira**. Editora CRV: Curitiba, 2017.

ANTONY, S. **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. Editora Summus: São Paulo, 2010.

BELMINO, M. C. B. **A ontologia gestáltica de Paul Goodman e seus desdobramentos clínicos, políticos e educacionais: Gestalt-terapia, anarquia e desescolarização**. Editora Via Verita: Rio de Janeiro, 2017.

BELMINO, M. C. B. **Fritz Perls e Paul Goodman: duas faces da Gestalt-terapia**. Editora Via Verita: Rio de Janeiro, 2018.

CARUSO, L. M. Gestalt-terapia: o ofício da arte. **Revista IGT na Rede**, vol. 16, nº 31, 2019.

CIORNAI, S. Relação entre criatividade e saúde na Gestalt-terapia. **Revista do I Encontro Goiano de Gestalt-terapia**, 1995.

CIORNAI, S. **Percursos em arteterapia: ateliê terapêutico, arteterapia com trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arteterapia e história da arte**. Editora Summus: São Paulo, 2004.

D'ACRI, G. A concepção de sintoma à luz da Gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 4, nº 7, 2007, p.117-120. Disponível em <<http://www.igt.psc.br/ojs/>>

JUNQUEIRA, M. H. R.; LIMA, V. A. A. Navegando por alguns mares da autorregulação: as teorias de Goldstein, Neill, Perls, Reich, Rogers e Maslow. **Revista Clareira**, vol. 3 nº 2, ago-dez, 2016.

LIMA, P. A. Criatividade na Gestalt-terapia. **Estudos e pesquisas em Psicologia**, vol. 9, nº. 1, jan-abr, p. 87-97, 2009.

NORONHA, F. M. C.; BARREIRA, M. M. L. O uso de recursos lúdicos na Gestalt-Terapia: possibilidades de intervenção clínica em psicoterapia infantil. **Revista Eletrônica Saúde em Diálogo** vol. I, Nº 1, jan-jun, 2016.

PEIXODO, P. T. C. **Gestalt-terapia e contatologia: filosofia, arte e clínica dos processos de formação das superfícies contatuais**. Paulo-de-Tarso Edições: Rio de Janeiro, 2018.

PHILIPPINI, A. **Arteterapia: métodos, projetos e processos**. Editora Wak: Rio de Janeiro, 2009.

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo**. *Psicol. Cienc. Prof*, Brasília, v. 34, n. 1, pág. 142-157, março de 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.Php?Script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000100011&lng=en&nrm=iso>

SANTOS, H. P.; MARTINS, J. B. A estrutura da personalidade: um estudo sobre Goldstein e Vygotsky. **Arq. Bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 99-113, ago. 2016. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>>

SILVA, M. C.; CARVALHO, E. M.; LIMA, R. D. Arteterapia Gestáltica e suas relações com o processo criativo. **IGT rede**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p. 01-19, 2013. <Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-25262013000100003&lng=pt&nrm=iso>